

# Peles americanas em corpo europeu: o Brasil na literatura portuguesa oitocentista

*Paulo Motta Oliveira*

I- E o império se desfez

Inda ali acaba a terra,  
Mas já o céu não começa;  
Que aquela visão da serra  
Sumiu-se na treva espessa,  
E deixou nua a bruteza  
Dessa agreste natureza.  
(Garrett, 1963, v.2, p.197)

Já em outro momento refleti sobre certos aspectos peculiares das relações entre Portugal e suas colônias, durante o século XIX, e sobre os efeitos disso na forma como o Brasil aparece na literatura portuguesa do período. Pretendo, aqui, retomar essas reflexões, para que possa articulá-las com novas observações sobre o tema<sup>1</sup>.

Eduardo Lourenço, em seu "Psicanálise mítica do destino português" afirma: "Quinhentos anos de existência imperial (...) tinham de transformar radicalmente a imagem dos Portugueses não só no espelho do mundo mas no nosso próprio espelho. Pelo império devimos outros" (Lourenço, 1978, p.41).

No mesmo texto, mais à frente, considera:

O Brasil, como a Índia durante uma época, como a África no final, acrescentavam-se, na imaginação do português culto (e por contágio nos outros) ao pequeno país para lhe dar uma dimensão mágica

---

<sup>1</sup> Parte das reflexões iniciais e da análise sobre *A queda dum anjo* foram apresentadas no ensaio "Narrativas exemplares: Novos impérios que as vozes tecem em caravelas de papel", lido durante o XVIII Encontro Brasileiro de Professores de Literatura Portuguesa, que ocorreu na Universidade Federal de Santa Maria, de 3 a 7 de setembro de 2001.

e através dela se constituírem como espaços compensatórios. Potencialmente um "grande país" (...) economizávamos o penoso dever de palpar a nossa pequenez. (Lourenço, 1978, p. 44.)

Se Índia, Brasil e África serviram para acrescentar à pequena casa lusitana um corpo imaginário com que recobriu a sua própria pequenez, houve um tempo, bem antes da Revolução dos Cravos, em que Portugal teve de palpar seus ossos e perceber a ausência das carnes com que até então magicamente se cobrira. Período - que, podemos pensar, levou cerca de um século - em que o Brasil não mais existia, e a África ainda não havia sido criada enquanto colônia. É neste longo século XIX à portuguesa, cicatriz aberta pela amputação de parte de um corpo ainda não substituída, que transitaremos. Nesse século, que começa tardiamente em 1807 - início do corte que prepara a independência brasileira de 1822 - e finda, poderíamos supor, em 1926, quando o pesadelo que fora o sonho republicano é destruído, a questão da miséria portuguesa ganha contornos catastróficos. Em outro texto, Lourenço considera:

Este sentimento de fragilidade ôntica relativo à existência pátria durante todo o século XIX, a consciência de uma permanente ameaça, atingiram proporções que hoje nos parecem absurdas, descabeladas (românticas, no sentido desorbitado da expressão), mas as suas ondas de choque vão contaminar quase todas as grandes manifestações literárias capitais do século, de Garrett a Pascoaes (Lourenço, 1982, p. 92).

Esse sentimento de fragilidade ôntica, que percorre "um século de existência nacional traumatizada" (Lourenço, 1982, p. 27) teve, não por acaso o seu traumatismo-resumo no *Ultimatum*. Trata-se, parece-me, do século em que, amputado o Brasil, Portugal teve de descobrir novas carnes para recobrir seu pequeno corpo. Mas essas carnes, concretamente, ainda não existiam, pois "Só no século XX (...) é que vantagens de tipo econômico passaram a justificar nitidamente a ocupação portuguesa na África continental" (Marques, 1986, v.III, p.157.). O que aqui buscaremos é justamente analisar algumas das tentativas simbólicas de resolver esta amputação, que podem ser vislumbradas na literatura portuguesa. Antes, porém, de partirmos propriamente para as obras ficcionais, gostaria de começar por outros textos que foram produzidos quase nos extremos do período de que aqui iremos tratar.

Em 1826 Garrett publica o *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*. Quando está a analisar o que classifica como quinta época da literatura portu-

guesa, que iria do meio ao fim do século XVIII, fala pela primeira vez das letras brasileiras. O tema aparece quando se refere a Cláudio Manuel da Costa: "Muito distinto lugar obteve entre os poetas portugueses desta época Cláudio Manuel da Costa: o Brasil deve contar seu primeiro poeta, e Portugal entre um dos melhores" (Garrett, 1963, v.1, p.503). Logo a seguir, afirma:

E agora começa a literatura portuguesa a avultar e enriquecer-se com as produções dos engenhos brasileiros. Certo é que as majestosas e novas cenas da natureza naquela vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais diferentes imagens, expressões e estilo, do que neles aparece: a educação européia apagou-lhes o espírito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos; e daí lhes vem uma afectação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades. (Garrett, 1963, v.1, p.503).

O que podemos notar nesses dois trechos, e que se refletirá em outros em que Garrett está a analisar o mesmo período, é uma aparente indefinição: os árcades ora são vistos como brasileiros, ora como portugueses, ficando numa situação intervalar, parados, poderíamos dizer, à deriva, no meio do Atlântico. Parece-me sintomático que, ao criticar o fato de que Gonzaga tenha debuxado "no Brasil cenas da Arcádia", considere que teria sido muito melhor "se essa amável, se essa ingênua Marília fosse, como a Virgínia de Saint-Pierre, sentar-se à sombra das palmeiras" (Garrett, 1963, v.1, p.504). Assim, os árcades são criticados por serem pouco americanos, pois, se o tivessem sido por inteiro, teriam dado à literatura portuguesa quadros exóticos, de uma natureza agreste e diversa, como foram os de Bernardin de Saint-Pierre para a literatura francesa. Ou seja, o Brasil aqui é visto ainda como Portugal, como parte integrante, mesmo que já num passado que ainda é quase presente, de uma comunidade que tinha na metrópole o seu centro. Não podemos esquecer que foi em 1820, após a revolução liberal, que foram considerados "cidadãos portugueses todos os indígenas dos territórios ultramarinos" (Marques, 1986, v.III, p.165.), entre os quais então se encontravam, mesmo que já habitando parte do reino unido, os do Brasil. A cicatriz ainda é muito recente. Garrett pertence à geração de portugueses que viu o corpo da nação ser amputado de sua maior - e econômica e culturalmente única - colônia. O corpo ainda lembra da parte que lhe foi amputada como se lá estivesse, apesar de não mais lá estar. O espaço dúbio que essa geração de escritores ocupa no Bosquejo, e que acabará por ocupar na historiografia literária oitocentista portuguesa<sup>2</sup>, parece ser efeito desse corte, ainda não totalmente assimilado, que transformou o

que era parte do mesmo em Outro, um fragmento do reino unido em um novo, e distinto, país.

Quase um século depois do texto de Garrett, em 1924, em uma revista brasileira herdeira da portuguesa *A Águia, Terra de Sol*, encontraremos dois trechos que poderão trazer novos dados às nossas reflexões. O primeiro é de Álvaro Pinto, um dos diretores dessa revista, que havia emigrado de Portugal e transladado, para os trópicos, a sua tipografia:

Portugueses e brasileiros querem-se e estimam-se intimamente. Zangam-se, de vez em quando, como dois irmãos que não podem viver um longe do outro. Mas não façamos desses arrufos motivos dramáticos de grandes cenas. O Brasil tem diante de si um futuro brilhantíssimo. Portugal pode voltar a ser uma grande potência (...). Afastemos portanto, pequenas rixas e pensemos a sério em que "Estados Unidos do Brasil" com "Estados Unidos de Portugal" constituiriam a mais poderosa aliança dum lado ao outro do Planeta. (Pinto, set.-out. 1924, p.520.)

O outro trecho, quase no mesmo tom, é de um artigo de Carlos Selvagem:

É necessário abolir de vez, entre os dois povos atlânticos, fronteiras de pensamento e de mentalidade. (...).

No dia em que este formoso sonho se torne realidade, ter-se-á feito a grande unidade moral de que tanto carecemos todos nós, portugueses e brasileiros. Sejam embora divergentes as suas finalidades políticas, uma nova e grande potência moral se terá constituído no mundo ad majorem gloriam da Civilização. (Selvagem, dez. 1924, p. 334.)

Seja a mais poderosa aliança dum lado ao outro do Planeta de Pinto, seja a nova e grande potência moral de Selvagem, estamos diante do desejo de outro tipo de união, em que a parte amputada, para seguirmos com nossa metáfora, poderá de novo ser conectada, através de outras suturas, ao corpo de que fazia parte. A indefinição do texto de Garrett de certa forma continua, não mais enquanto um espaço dúbio, mas enquanto tentativa de construir no presente uma outra comunidade, que refaça, em termos contemporâneos, a união que antes existia. Brasil e Portugal são como dois irmãos, brasileiros e portugueses carecem da grande unidade moral que seria gerada com o fim das fronteiras de pensamento e de mentalidade. Abolidas as fronteiras, as duas nações, que já foram uma, voltariam a sê-lo, e como irmãos celebrari-

<sup>2</sup>Sobre a presença dessa geração, e de outros escritores brasileiros, nas histórias literárias portuguesas, ver Oliveira, 2001.

am a nova reunião da velha família. O desejo aparentemente avant la lettre dessa comunidade lusófona, escrito em revista brasileira por dois portugueses, parece-me indicar de forma clara a tentativa simbólica de restaurar o antigo corpo em sua inteireza. É uma tentativa de cura, mais de um século depois do trauma.

De tentativas semelhantes a literatura portuguesa oitocentista está prenhe. Sobre algumas delas agora nos deteremos, buscando analisar os vínculos que são tecidos entre a antiga metrópole e a nova nação americana, e tendo como principal guia de nossa caminhada um dos maiores ficcionistas portugueses do oitocentos, Camilo Castelo Branco.

## II- Mas não sem cor, contudo, de virtude

Em 1841, a hospedaria dilecta dos brasileiros de profissão (distingam-se assim dos brasileiros do Brasil) era a do Estanislau, na Batalha. Ali havia a sem-cerimônia do chinelo de liga à mesa-redonda; os colarinhos arregaçados deixavam arejar as pescoceras rorejantes de suor, que se limpavam aos guardanapos; (...) a laranja era descascada à unha e os caroços das azeitonas podiam ser cuspidos na mesa (...). (Castelo Branco, s.d. (b), v.2, p.93)

Dos vários tipos que percorrem a ficção camiliana, um ganha especial destaque, pela constância com que aparece, e pela recorrência de um conjunto de traços com que é, em geral, pintado: o "brasileiro boçal e milionário" (Régio, 1980, p.117). Esse rico torna-viagem que, ao retornar a seu país, muitas vezes casa-se com uma moça bela, jovem, e, em geral, apaixonada por outro, é vítima recorrente da ironia do narrador camiliano. Configura-se como um ser um pouco vil que, através do dinheiro, compra uma mulher que não deveria lhe pertencer, ou, mais prosaicamente, acaba apenas por adquirir as propriedades de nobres arruinados, ou a caminho da ruína. Mas se essa é a forma mais usual como o Brasil e os brasileiros - principalmente os de profissão - aparecem na ficção camiliana, em várias obras a ex-colônia portuguesa e seus habitantes acabam por ganhar outros contornos e mais instigantes matizes. Aqui nos deteremos em duas delas: *Coração, cabeça e estômago* de 1862, e *A queda dum anjo*, de 1866.

No "Preâmbulo" da primeira obra, o narrador se apresenta enquanto editor dos papéis de seu falecido amigo Silvestre da Silva. Temos, assim, nesse livro, dois narradores, um no papel de autor e o outro no de editor, que acabam por simular, dentro do livro, a própria relação existente no mercado editorial de então: o escri-

tor, apesar de ser quem escreve, é uma espécie de refém, pois o editor é quem efetivamente decide o que irá ou não ser publicado.

Tanto nesse jogo entre autor e editor, como na trajetória do protagonista e dos demais personagens, existe uma mensagem única, que é apreendida por uma acumulação de casos e histórias semelhantes: a total supremacia do dinheiro, que transforma qualquer outro valor em ilusão. Por exemplo, o conde, amante da segunda mulher que Silvestre amou, Margarida, após abandonar a amante e o filho, que morreram de febre amarela, "está ótimo de saúde e transferiu a mobília de Margarida para os aposentos de uma criada, que a condessa expulsou de casa..." (Castelo Branco, 1984, p.739.). Já Leontina, a primeira paixão de Silvestre, que traiu o marido, chegando mesmo a ficar, por isso, confinada em um convento, quando este morre e ela recebe a herança, casa-se com um antigo pretendente - que desprezara quando era pobre, mas que lhe interessa quando fica rico - e termina a narrativa morando em um palacete junto com seu novo consorte. Sobre eles o editor afirma: "Estão gordos, ricos e muito considerados na sua rua" (Castelo Branco, 1984, p.737.). Essa última história prefigura a de Paula, que, apesar dos amantes que teve, termina, por ter dinheiro, casada e bem-vista, enquanto que a única vítima de seu passado acaba sendo seu último amante, um pobre mestre-escola, que é obrigado a emigrar para o Brasil<sup>3</sup>. De fato, histórias semelhantes a estas se multiplicam, inclusive a do protagonista que, após descobrir como o mundo efetivamente funciona, termina seus dias, numa clara alusão à acumulação capitalista, engordando e engordando, até ironicamente morrer de caquexia.

Nessa caverna, em que tudo é sombra, e apenas o dinheiro tem realidade, em vários momentos o Brasil ganha instigantes contornos.

É o espaço para onde se desloca, como dissemos, o mestre-escola, que, após ser preso por ter fugido com Paula, "da cadeia passou a bordo duma galera, que o desembarcou no Rio de Janeiro" (Castelo Branco, 1984, p.778.). O Brasil repete, assim, o seu papel de espaço para onde se deslocam os desajustados em Portugal, e, em particular, os criminosos, sejam eles bons ou maus, como voltará a ocorrer em outras obras de Camilo, em especial na instigante e divertida novela *O cego de Landim*, da qual tiramos a epígrafe desta parte.

O Brasil também se transforma em espaço de enobrecimento, com toda a dubi-

---

<sup>3</sup> Como nota Silvestre: "Vi, finalmente, que D. Paula era a mulher que o mundo respeitava, sem embargo do conde, dos amigos íntimos do conde, e do mestre-escola, único bode expiatório de tamanhas patifarias" (Castelo Branco, 1984, p.779.)

idade que esse termo pode ter em um mundo em que a moral é apenas uma ficção econômica. O exemplo mais curioso dessa função ocorre no episódio de Tipinoioio, a criada mulata da pensão em que Silvestre morara, e amante deste, que possuía, como ele não deixa de notar, "mãos, que perfumavam o aroma da cebola do refogado" (Castelo Branco, 1984, p.746.). Um "ricaço, vindo do Brasil, se apaixonara por ela, e a levava consigo para o Minho" (Castelo Branco, 1984, p.747.). Três anos depois o narrador a vê "na segunda ordem do Teatro de S. João do Porto, vestida ricamente, ao lado de uma grande cabeça, que estava cortada na praça do Porto em dois milhões" (Castelo Branco, 1984, p.748.). Silvestre pergunta, a vários elegantes, quem é a mulata, "e todos, à uma, me responderam que era filha de um titular brasileiro, e que fora educada em Londres" (Castelo Branco, 1984, p.748.). O Brasil surge aqui no duplo papel de espaço real e ficcional do enobrecimento. É a fortuna, que de lá veio, que permite à rude criada transformar-se em culta filha de titular.

Semelhante função possui o Brasil na vida de D. Catarina e de seu irmão militar. Silvestre, em dado momento, afirma que a espada desse irmão "podia disputar virgindade às vestais romanas. Catarina é que, já dez anos antes de me ver, não podia competir em recato e pureza com a espada fraterna" (Castelo Branco, 1984, p.741.). Quando, cinco anos depois, Silvestre tem notícias dos dois, descobre que D. Catarina estava no Pará com seu irmão, "senhores de alguns centenares de contos, herdados de um tio. Esperavam-se então na corte, visto que D. Catarina mandara comprar um palácio arruinado em Benfica, e apressar a reedificação com a máxima opulência de arquitetura" (Castelo Branco, 1984, p.741.). Podemos supor que, após o seu retorno, D. Catarina e seu irmão terão a mesma respeitabilidade que tinham Leontina e seu marido. Mas, para além dessa função evidente do dinheiro brasileiro, que se aproxima da presente no caso de Tipinoioio, é interessante que ele é usado para restaurar um arruinado palácio português. É ainda o Brasil, quase meio século após a independência, servindo para escorar a pequena casa portuguesa, que, sem esse apoio, desmoronaria<sup>4</sup>.

Como podemos notar, nesse livro não estamos diante do brasileiro boçal e

---

<sup>4</sup>Já nesse livro também a África apareça, mesmo que de forma rápida e não muito definida, como um espaço possível de enriquecimento. Isso ocorre quando é narrado o retorno do padrasto de Marcolina, em que é dito que ele "voltara rico de África" (Castelo Branco, 1984, p.801). Não deixa, porém, de ser curioso que enquanto o dinheiro brasileiro sempre chega a tempo de proporcionar uma boa vida aos personagens a ele ligados, o dinheiro africano chega tarde demais para salvar Marcolina, que morre pouco depois do retorno do padrasto.

<sup>5</sup>A esse respeito ler os precisos comentários de Jacinto do Prado Coelho em Coelho, 1982-3, v.1, p.330-331.

milionário. Se existe uma boçalidade ela é tanto dos brasileiros como da sociedade portuguesa que os acolhe, que deles depende, e com eles compactua. Essa imagem do Brasil, em um livro só aparentemente descosido e mal estruturado<sup>5</sup>, não aparece apenas em histórias isoladas, mas relaciona-se com a própria simulação do jogo editor/escritor que estrutura toda a narrativa. No "Preâmbulo", que tem como uma de suas funções dar verossimilhança à existência de Silvestre da Silva, de várias formas o Brasil está presente. Através de Faustino Xavier de Novais, poeta então residente no Rio de Janeiro, com quem o editor, que se assume como Camilo, dialoga, falando do amigo comum, Silvestre, que havia falecido. Através de uma referência direta a vários poetas brasileiros, quando afirma que não irá publicar as poesias de seu amigo: "Silvestre, em poesia, era vulgar; e a poesia vulgar, mormente na pátria dos Junqueiros, dos Álvares de Azevedo, dos Casimiros de Abreu e dos Gonçalves Dias, é um pecado publicá-la" (Castelo Branco, 1984, p.733.). E, por fim, em uma nota de rodapé, em que é dito: "Este prólogo foi escrito designadamente para ser impresso no Rio de Janeiro" (Castelo Branco, 1984, p.733). Sabemos, como o público da época também deveria intuir, que essa última informação não é verdadeira, já que a obra não foi escrita para ser publicada no Brasil, e, por sinal, o livro foi um sucesso estrondoso em Portugal, como o próprio editor aponta no prefácio à segunda edição<sup>6</sup>. Qual seria, então, o sentido desse novo jogo?

Se o prólogo simula que o livro foi escrito para ser publicado no Brasil, e ao mesmo tempo é dito que esse país já possui grandes poetas, não existiria aqui uma imagem de um país, o Brasil, que não mais poderia ser um mercado para a má poesia portuguesa - pois não só já tinha seus poetas, mas até recebia, como imigrantes, bons poetas portugueses, como era Faustino Xavier de Novais -, mas que, ao mesmo tempo, ainda se mostrava como um espaço economicamente viável para a má prosa portuguesa, como o próprio editor qualifica, em vários momentos, a prosa de Silvestre da Silva? Qual o sentido de lá publicar esses manuscritos "que careciam de serem adulterados para merecerem a qualificação de romance" (Castelo Branco, 1984, p.732.) se não buscar o lucro decorrente dessa edição? Assim, em sua própria estrutura, *Coração, cabeça e estômago* parece ser uma obra marcada para ser brasileira, como alguns dos personagens brasileiros nela presentes: uma obra que precisa ir ao Brasil para de lá voltar endinheirada. Mas ainda isso

---

<sup>6</sup>"A rapidez com que foi consumida a primeira edição deste romance é um dos raros exemplos que, infelizmente para as letras de Portugal, podemos citar" (Castelo Branco, 1984, p.717). A segunda edição do livro saiu dois anos depois da primeira.

é apenas parte do jogo construído. Pois o prólogo, na mediadas que dialoga com um bom poeta português que está no Brasil, acaba por apresentar esse país não só como um espaço do enriquecimento, mas como o local do qual a própria cultura portuguesa - seja ela boa como a poesia de Faustino, má como a de Silvestre - depende para sobreviver.

O que gostaríamos de reforçar é justamente essa imagem dúbia, que percorre todo o romance. Brasil e Portugal se mesclam e se misturam. Estão ambos inseridos no mesmo mundo do dinheiro. Mas, devemos notar, são os portugueses que, no romance, dependem do dinheiro que vem do Brasil, e para além mar exportam homens, obras e poetas. O arruinado solar português precisa do dinheiro brasileiro para escorá-lo. Se não, desabar.

### III- Era um anjo de Deus, que se perdera dos céus

Mas quem pode livrar-se, porventura,  
 Dos laços que Amor arma brandamente  
 Entre as rosas e a neve humana pura,  
 O ouro e o alabastro transparente?  
 Quem, de uma peregrina formosura,  
 De um vulto de Medusa propriamente,  
 Que o coração converte, que tem preso,  
 Em pedra, não, mas em desejo aceso?  
 (Camões, 1982, p.112)

Em *A queda dum anjo* encontramos, como em outras narrativas camilianas, um narrador que se assume enquanto Camilo Castelo Branco e afirma a veracidade da história que narra. Essa postura coloca todo o discurso narrativo - que parece ser onisciente - sob suspeita. A narrativa, em função das suas condições de produção, é, necessariamente, parcial. Mais parcial ainda, neste livro, se percebermos que uma série de elementos mostram uma grande proximidade entre Calisto Eloi e Camilo: ambos vivem um amor não sacramentado, com Ifigênia e Ana Plácido; o ano da queda do morgado da Agra de Freimes, 1859, é o mesmo em que Ana Plácido abandonou o seu marido, para viver com Camilo; no presente da narrativa, 1864, ambos os casais possuem dois filhos ilegítimos<sup>7</sup>. Assim, faz parte da própria estrutura desse livro a simpatia que o narrador deveria sentir por seu pro-

<sup>7</sup> O primeiro filho natural de Camilo e Ana Plácido, Jorge, nasceu em 28 de junho de 1863, e o segundo, Nuno, em quinze de setembro de 1864.

tagonista, o que poderia levar a voz narrativa a, talvez de forma não consciente, contar uma história que não seria, de fato, verdadeira. As pistas para a suspeita existem, da mesma forma como existem os indícios para que o leitor desconfiado tenha acesso a uma outra versão.

Dessas pistas gostaria de apontar as mais evidentes. Calisto, antes de conhecer Ifigênia, mas já a sabendo bela e viúva, pretende agradá-la, e prepara para o primeiro encontro de ambos a sua saleta, transformando-a "em recinto digno de uma Ponce de Leão" (Castelo Branco, s.d. (a), p. 128.).

Em outro momento, quando já são amantes e freqüentam o teatro, temos o trecho:

Numa dessas noites, estava na frisa fronteira à de Calisto a família Sarmento. Adelaide não despregava o óculo de Ifigênia (...).

Calisto exultava de delícias incomparáveis. Era a vingança, a carapinhada dos deuses num meio de Julho, a vingança de amator menoscabado. (Castelo Branco, s.d. (a), p. 177.)

Podemos perceber de que é feito o amor de Calisto, tão insistentemente afirmado pelo narrador. Já em relação ao amor de Ifigênia, a que o narrador dedica o título de um capítulo - "E ela amava-o!" - devemos notar que existe uma enorme distância entre a feliz amante de Calisto do fim do livro e a viúva que pela primeira vez se apresentou a seu primo. Esta havia dito frases como "envolvi meu coração na mortalha de meu marido, no túmulo dele o fechei", e "[abjurei a todas as alegrias do coração] que não condigam com a minha situação de viúva" (Castelo Branco, s.d. (a), p. 137.). Como podemos notar, a última Ifigênia teve de transigir com esses valores morais para atingir a felicidade. Se essa distância já seria um indício das características não explicitadas dessa personagem, um trecho, no final do penúltimo capítulo do livro, poderá levar o leitor a perceber muito mais do que vem escrito:

O barão esperava que a mulher morresse, para legitimar os seus meninos (...).

A baronesa, que, digamo-lo depressa, não rejeitou o título do marido, esperava que o marido se aniquilasse na perdição dos seus costumes, para também legitimar o seu Barnabé (...). (Castelo Branco, s.d. (a), p. 195.)

Ora, o amor entre Teodora e Lopo era o amor entre um anjo que também caiu - a esposa de Calisto - e que pretendia, em certo sentido, se vingar de seu marido, e um primo interesseiro que, sem dinheiro, seduziu-a para poder viver graças à fortuna dela. Na equivalência final entre as situações de Calisto e Teodora,

não é difícil perceber que as situações dos dois casais são simétricas: também entre Calisto e Ifigênia temos um amor entre primos, um rico e o outro pobre, e um desejo de vingança. Assim, sem nada ser dito, ficamos a pensar se por trás da pele de uma cândida Ifigênia, não existiria também uma espécie de lobo que precisa, para sobreviver, do dinheiro de seu primo.

Podemos, agora, perceber em que medida esse livro de Camilo propõe uma curiosa imagem das relações entre Brasil e Portugal. Na união entre Calisto e Ifigênia -essa sedutora brasileira que desembarca em Portugal em busca de proteção - se não existe amor, existe ao menos uma simbiose, benéfica para ambos. O Brasil surge aqui, quase em negativo da sua presença em Coração, Cabeça e Estômago, como o espaço de onde podem vir belas brasileiras, dependentes, interesseiras, mas capazes de adubar uma raça ainda rica, mas sem descendentes. Não teríamos aqui um Portugal que, sem o Brasil, não teria como engendrar a sua permanência? Mas não teríamos, também, um duplo discurso, que apontaria que a relação entre os dois países, se aparentemente poderia ser amorosa, como o narrador afirma ser a de Ifigênia e Calisto, de fato só poderia se pautar por interesses mais mesquinhos e concretos? Calisto, que graças a Ifigênia pôde completar a sua metamorfose de um anacrônico morgado em homem do século XIX, não indicaria um caminho possível, necessário, para que Portugal pudesse fazer parte da Europa culta? Tudo o que dissemos parece indicar que sim. E creio que com toda a ironia que perpassa esse livro estamos diante de uma resposta precisa para um país que, desesperadamente, precisa de uma outra pele que recubra a sua pele.

Podemos agora perceber o quanto os dois livros de que aqui tratamos se distanciam da imagem comum, recorrente em Camilo e em vários outros autores oitocentistas, do brasileiro rico e inculto. Em ambas as obras, estamos diante de figurações que apontam para relações possíveis, na segunda metade do século XIX, entre Portugal e sua ex-colônia. De diferentes formas é retratada uma dependência que percorre o século: Portugal é representado como um corpo que, antes de haver embarcado no sonho de criar um novo Brasil em África, não conseguia se ver, em sua pequenez, sem se imaginar recoberto pela pele que lhe fora tirada.

Essas imagens mostram que já em Camilo encontramos alguns temas e questões que, poucos anos depois, viriam a ocupar um lugar central nas

reflexões da geração de 70. O dúbio enobrecimento dos brasileiros de *Coração, cabeça e estômago*, a mesquinhez desse meio que os acolhe, já prefigura aquele brasileiro que chegará a uma provinciana Lisboa, vindo de Paris, acompanhado pelo Visconde Reinaldo, e que será considerado como uma pessoa refinada. E a Ifigênia, que aduba uma raça estéril, certamente nos faz lembrar uma outra casa, também secular, que só pôde continuar existindo graças a duas Marias, ambas, se não brasileiras de nascença, pelo menos brasileiras de profissão: a negreira Maria de Monforte, e Maria Eduarda, a suposta esposa do brasileiro Castro Gomes. Esses fios brasileiros que unem as obras dos dois maiores romancistas portugueses do século XIX já são, porém, assunto para um outro estudo, e ultrapassam os objetivos que aqui tivemos<sup>9</sup>.

### Bibliografia

- CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. 5ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *A queda dum anjo*. Porto: Anagrama, s.d. (a).
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Novelas do Minho*. Mem Martins: Europa-América, s.d (b). 2.vol.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas Vol. III*. Porto: Lello & Irmão, 1984.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução ao estudo da novela Camiliana*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982-1983. (2 vol.)
- GARRETT, Almeida. *Obras de Almeida Garrett*. Porto: Lello & Irmão, 1963. (2 vol.)
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- MARQUES, Oliveira. *História de Portugal*. 3. ed. Lisboa: Palas Editores, 1986. (3.vol.)
- OLIVEIRA, Paulo Motta. "Galhos de um arbusto atlântico: breve história de uma quase ausência". *Convergência Lusitana*, Rio de Janeiro, n.18, p.274-286, 2001
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986.
- PINTO, Álvaro. "Portugal-Brasil." *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.3, n.9, p.513-521, set.-out. 1924.
- QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. Porto: Lello & Irmão, 1945.
- QUENTAL, Antero. *Prosas sócio-políticas*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- RÉGIO, José. "Camilo, romancista português". *Ensaios de interpretação crítica*. Porto: Brasília, 1980. p. 71-165.
- SELVAGEM, Carlos. Carta de Portugal. Rio de Janeiro, v.4, n.11-12, p. 327-334, dez. 1924.

\* É paradigmática do caráter de Lopo a cena, no final do capítulo XXIX, em que ele convence Teodora de que sempre a amou, e que todos os desatinos que cometeu ocorreram por causa desse amor. Cf. Castelo Branco, s.d. (a), p. 160-165.

<sup>9</sup> Em nosso ensaio, referido na primeira nota, fizemos parte desse trabalho, aproximando *A queda dum anjo* e *Os Maias*.

## Resumo

Este artigo pretende analisar alguns aspectos das relações simbólicas entre Brasil e Portugal ao longo do século XIX, principalmente através das imagens de Brasil presentes em dois livros de Camilo Castelo Branco: *Coração, Cabeça e Estômago* e *A queda dum anjo*.

**Palavras-chave:** Século XIX, Portugal, Brasil, Camilo Castelo Branco

## *Abstract*

This essay intends to analyze some aspects of the symbolic relations between Portugal and Brazil during the nineteenth century, mainly through the presence of Brazil in two Camilo Castelo Branco's novels: *Coração, Cabeça e Estômago* [Heart, Head and Stomach] and *A queda dum anjo* [The fall of an angel]

**Key-words:** nineteenth century, Portugal, Brasil, Camilo Castelo Branco